

**ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA E A LINGUISTICA: ENTREMEIOS  
LÍNGUA E DISCURSO**

*Sônia de Fátima Elias Mariano Carvalho<sup>1</sup>*

**RESUMO**

Pretendo fazer um esboço acerca das noções de língua e de discurso nos estudos da Análise do Discurso (AD) de orientação francesa. Focalizo tais noções por serem duas paixões de Michel Pêcheux e por marcarem suas reflexões e determinar o objeto da AD. Essa língua que nos faz vivenciar a ilusão da transparência da linguagem e da garantia do entendimento por meio do código linguístico. Para tanto, fazemos uma análise de uma tira cômica de Maitena.

**Palavras-chave:** Língua. Discurso. Análise do Discurso. Linguística.

**Introdução**

Em especial, a água é o elemento mais favorável para ilustrar os temas da combinação dos poderes. Ela assimila tantas substâncias! Traz para si tantas essências! Recebe com igual facilidade as matérias contrárias, o açúcar e o sal. Impregna-se de todas as cores, de todos os sabores, de todos os cheiros.

(Gaston Bachelard, *A água e os sonhos*, p. 97)

Existem águas claras, cristalinas. No entanto, todas as águas trazem em seu entremeio outras substâncias, outras matérias. As águas são, por sua natureza, sempre compostas, proporcionando combinações heterogêneas de múltiplos elementos.

A língua é sob o ponto de vista da AD, heterogênea e polissêmica, comportando múltiplos sentidos, equívocos, contradições, tensões e falhas, no entanto, ela é receptiva e deixa diluir em seu meio as cores, aromas e sabores.

A Análise do discurso apresenta-se nesse entremeio das águas compostas, que trazem em si muitos conceitos e muitas acepções, refletindo uma diversidade de concepções, representadas pela multiplicidade de pensamentos que constituíram os estudos linguísticos do último século e que seguem contribuindo para as pesquisas na área.

Uma das particularidades da AD é a de se colocar como objeto fronteiro e trabalhar nas bordas das grandes divisões disciplinares já institucionalizadas.

## **PRESSUPOSTOS SAUSSURIANOS**

A Linguística moderna teve início com o *Curso da Lingüística Geral (CLG)*, de Ferdinand de Saussure (1857-1913). Foi a partir da delimitação do objeto da Linguística, efetuada pelo autor, que se passou a falar em uma cientificidade da língua.

Em seu *CLG*, após expor a matéria e tarefa da linguística e suas relações científicas conexas, Saussure fala da dificuldade em definir o objeto de estudo dessa nova ciência, em razão do fenômeno lingüístico apresentar “perpetuamente duas faces que se correspondem e das quais não vale senão pela outra” (p.15).

O autor, diante deste problema, afirma que “é necessário colocar-se primeiramente no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem” (p. 16-17).

Assim a linguística só conseguiria seu estatuto de ciência, se o seu objeto de estudo fosse claro e objetivo. Sendo assim, Saussure define a *língua* como objeto específico da linguística, e justifica sua escolha:

[...] “qualquer que seja o lado que se aborda a questão, em nenhuma parte se nos oferece integral o objeto da lingüística. Sempre encontramos o dilema: ou nos aplicamos a um lado apenas de cada problema e nos arriscamos a não perceber as dualidades (...) ou se estudamos a linguagem sob vários aspectos ao mesmo tempo, o objeto da lingüística aparecerá como um aglomerado confuso de coisas heteróclitas, sem liame entre si. Quando se procede assim abre-se para as várias ciências – Psicologia, Antropologia, Gramática Normativa, Filologia etc. – que separamos claramente da Lingüística, mas que, por culpa de um método incorreto, poderiam reivindicar a linguagem como um de seus objetos.” (CLG, p.16).

Podemos perceber pelos dizeres do autor, a dualidade imposta pela questão e problemática de apreensão da língua no seu todo, esse objeto que esta sempre a escapar o obriga a fazer uma escolha e assim o mestre genebrino instaura sua dicotomia basilar, separando a linguagem em *língua* e *fala*.

Fundamentada na oposição social/individual revelou-se com o tempo extremamente profícua. O que é fato da língua (*langue*) está no campo social; o que é ato da fala ou discurso (*parole*) situa-se na esfera do individual.

Repousando sua dicotomia na Sociologia, ciência nascente e já de grande prestígio então, Saussure (p. 16) afirma e adverte ao mesmo tempo que “a linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro”.

A visão da língua como realidade sistemática e funcional é o conteúdo mais importante da concepção saussuriana. Para ele, a língua é, antes de tudo, “um sistema de signos distintos correspondentes a idéias distintas” (p. 18); é um código, um sistema onde, “de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica” (p. 23).

Saussure vê a língua como um objeto de “natureza homogênea” (p. 23) e que, portanto, se enquadra perfeitamente na sua definição de que “a língua é um sistema de signos que exprimem idéias” (p. 24). Essa concepção da língua como sistema funcional está imbricado à noção de valor.

A fala, ao contrário da língua, por se constituir de atos individuais, torna-se múltipla, imprevisível, irreduzível a um ajuste sistemático. Os atos lingüísticos individuais são ilimitados, não formam um sistema. Os fatos lingüísticos sociais, bem diferentemente, formam um sistema, pela sua própria natureza homogênea.

Vale ressaltar, no entanto, que tanto o funcionamento quanto a exploração da faculdade da linguagem estão intimamente ligados às implicações mútuas existentes entre os elementos língua (virtualidade) e fala (realidade).

A meu ver, Saussure quando declara que “é o ponto de vista que cria o objeto”, ele abre um precedente à existência de outros pontos de vista sobre a linguagem e um deles é o ponto de vista discursivo.

Portanto, não se pode negar a evidência da língua. Nem tão pouco a importância dos estudos saussurianos. Segundo Malidier, Saussure é para Pêcheux “o ponto de origem da ciência lingüística” e o “deslocamento operado por Saussure, da função para o funcionamento da língua é um adquirido científico

irreversível” (2003, p, 22). Pêcheux reconhece que o essencial do “corte saussuriano” fundamenta-se na idéia de que a língua é um sistema.

Dessa maneira o conceito de funcionamento por oposição à função é decisivo na descrição da materialidade específica da língua. Esta contribuição de Saussure é indiscutivelmente reconhecida por Pêcheux. E é justamente a passagem da função para o funcionamento que Pêcheux pretende estender à AD. Concordante com Ferreira (2000, p. 36) “a caracterização desta materialidade constitui um problema da linguística e também da AD”.

### **A FRONTEIRA DA AD COM A LINGÜÍSTICA**

Pelo exposto, percebe-se que entre a linguística e AD há uma vinculação, uma proximidade, isto é evidente. Porém, quando se trata dos objetos respectivos (Língua e Discurso), esses dois elementos fazem a delimitação, a fronteira uma da outra, e é causa de inquietações e conflitos.

Mesmo na atualidade essa relação segundo Ferreira “continua tensa e sujeita a controvérsias de toda ordem (...)”. Ressalta também uma frase de Courtine, que “para ser analista de discurso é preciso ser linguista e deixar de sê-lo” (2007, p. 19). Encontramos-nos nessa contradição, entre o ser e o não ser em eterna alteridade.

Sendo assim, ainda com Ferreira, “podemos dizer em relação a essa vizinha, com a qual as relações não são lá quase sempre muito amistosas, que há *contato*, mas não *pertencimento* (grifos nosso). E isso vale para os dois lados. A AD não está ‘contida’, não é parte da Lingüística, em que pese trabalhar com a língua, como base material. E uma das razões é que a própria noção de língua nos distingue e nos faz constituir um recorte disciplinar diferente da linguística” (p.19).

## LÍNGUA E DISCURSO NO INTERIOR DA ANÁLISE DO DISCURSO

Revela-se desse modo, a evidência da língua. Ela existe, tem sua materialidade e isso é inegável. No entanto, podemos desconfiar dela e de seu efeito de transparência.

Assim é, que a noção de língua tem seu peso na especificidade da AD. Pêcheux deslocou então, a dicotomia *língua x fala*, proposta por Saussure, distinguindo *língua* e *discurso*, concebendo o primeiro elemento como condição de possibilidade do segundo.

Como dissemos mais acima, Saussure ao propor a dicotomia, também divide o social e o histórico. Nessa divisão a língua é vista como fato social não tendo nada haver com a historicidade e o sujeito. A fala por sua vez, é vista como 'ato individual' acessório e ocasional, não tendo nada haver com o social.

No entanto, na perspectiva teórica da AD, as coisas não se dão dessa maneira. O social e o histórico estão intimamente ligados, não se separam, sendo impossível fazê-los corresponder à língua e fala. Não há um filtro que separe elementos internos e externos. Tais elementos são constitutivos da exterioridade do discurso.

Dessa maneira, a noção de língua para a AD é fundamental e o que caracteriza sua especificidade, é justamente o fato dela não ser transparente; assim não se admite que uma determinada palavra tenha seu sentido óbvio, isto é, não há um sentido único.

A língua para a AD é condição de possibilidade para instauração do discurso, e sua materialidade é ao mesmo tempo linguística e histórica, produto social resultante de um trabalho com a linguagem no qual estão imbricados o histórico e o social. Para o analista de discurso a língua não é objeto, mas um pressuposto para analisar a materialidade do discurso.

Portanto, tem-se aí uma redefinição da noção de língua, e ao fazer esse descentramento, estamos remetendo-a a uma ordem outra, a 'ordem do discurso'. Para AD a língua não é totalmente autônoma, pois, apesar de conter regras internas próprias (fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas), seu funcionamento é condicionado por suas condições de produção, uma vez que o efeito de sentido produzido depende do contexto social e ideológico.

Na AD a língua não é vista sem contradições, não há uma relação biunívoca entre sintaxe/gramática e sentido, nem tampouco entre língua e mundo real. Isso significa que o sentido não está pronto e não é extraído simplesmente pela referência das palavras aos objetos empíricos, é mais que isso, o sentido existe dentro de uma determinada formação discursiva (FD).

Por conseguinte, a AD limita e postula um lugar outro para língua, a qual não possui sentido, pois este é da ordem das formações discursivas (FDs), o que revela que a língua não é um instrumento do qual os falantes se apoderam para expressarem os pensamentos de uma maneira clara e sem equívocos.

A língua é, sob essa perspectiva, uma *alíngua (lalangue)*, como propõe Lacan, ao negar uma relação biunívoca entre cadeia sintática e o sentido e ao propor que a língua seja equívoca, isto é, não está isenta de complicações interpretativas.

A ruptura promovida pela AD em relação à língua origina-se da idéia de que o estudo da significação é fundamental e supõe intervenções de conceitos que fazem parte da reflexão sobre as formações sociais.

Assim, pode-se perceber que a língua é basilar na teoria do discurso, para que Pêcheux possa pensar os diferentes processos discursivos. Ele nos alerta para o fato de que a discursividade – e a estamos tomando aqui como uma “conjuntura histórico-socio-ideológica, provocadora de deslocamentos pela ação de sentidos em uma dada esfera enunciativa” (SANTOS, 2007, p.188) não pode ser confundida com a fala, pois ela não é uma forma individual de utilização da língua. Não se refere a um uso ou a uma realização de uma função.

Para construir seu objeto de estudo (*o discurso*), Pêcheux tomou por base a teoria do valor em Saussure, que coloca a língua como sistema formal, para pensar o discurso no confronto teórico da articulação entre o sujeito e os funcionamentos linguístico-históricos para que possamos ter compreensão da interpelação constitutiva da produção de sentidos nos e pelos sujeitos.

Ou seja, aspectos de ordem social, ideológica e histórica penetram as palavras quando estas são pronunciadas. Assim, diante das mais diversas situações rotineiras, sujeitos vão se equivocar, divergir, argumentar frente a um mesmo tema.

As posições de divergências, oposição indicam os lugares histórico-socio-ideológico assumidos por estes sujeitos e a linguagem é a forma material de expressar estes lugares.

Dessa maneira, o discurso não é a língua (gem) em si, mas precisa dela para ter existência material e real. Um discurso é essencialmente relações de outricidade, em constante interpelação.

A partir dos elementos sociais, históricos e ideológicos podemos afirmar que os sentidos não são fixos, estão sempre em movência, em modificação e compartilhando as transformações sociais, políticas, e históricas que integram a vida dos sujeitos.

É no discurso e na trama de seus fios que se encontram os nós que amarram essa rede discursiva e que a sustentam. Por isso, não se pode falar em discurso sem mobilizar outros sentidos, sem acionar outros conceitos que lhe são constitutivos e tensivos, como língua, sujeito e história.

À noção de discurso integra-se também a de sentido compreendida como efeito de sentido entre sujeitos em enunciação, ou seja, é o efeito que emana da materialidade. Uma palavra pode ir além de seus significados predeterminados pelos dicionários, ela pode ter sentidos distintos para diferentes sujeitos, em decorrência da ideologia dos sujeitos e do lugar social dos envolvidos na enunciação.

Desse modo Pêcheux nos assevera (1975, p.160) em relação aos sentidos:

o sentido não existe em si mesmo, isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante, mas é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas.

Assim, para o autor o sujeito não pode ser entendido como sendo origem e fonte de sentido, mas como um sujeito que é *determinado* e *assujeitado*, ou seja, submetido ao sistema linguístico, constituído pelo inconsciente e interpelado pela ideologia, além de apreendido no interior da história.

Ao nos referirmos a 'determinado', estamos nos remetendo à questão de que o sujeito para se instaurar como tal, passa por um processo de constituição, inscreve-se em lugares histórico-sociais, do interior dos quais enuncia e se posiciona discursivamente, sendo determinado historicamente. Ao passo que pelo

termo 'assujeitado' compreenda-se não subjugado, ou submetido, mas sim como "tornado sujeito por", ou seja, é o devir da relação ideologia/indivíduo.

Pêcheux reconhece que o sujeito ilude-se ao crer que é dono do seu dizer. Nesse sentido concebe os dois esquecimentos: o esquecimento nº 1 em que o sujeito tem a ilusão de ser criador do seu discurso, de ser fonte do sentido, apagando de seu dizer o que não remete à formação discursiva que o domina/determina.

Dessa forma, o inconsciente e o assujeitamento ideológico criam a ilusão do sujeito fonte de sentidos. O esquecimento nº 2 em que o sujeito acredita que o que ele enuncia tem só uma significação, e que todos significarão da mesma forma o que ele enuncia. O sujeito aqui tem a ilusão da transparência do sentido, esquecendo que os sentidos por ele produzidos provêm da FD à qual ele se filia.

Para que o leitor possa perceber as noções de língua e discurso nos estudos da Análise do Discurso, procederei a uma breve análise de uma tira cômica de Maitena, sobre os diferentes papéis assumidos pela mulher na sociedade atual. Levando-a a permanecer em constante alteridade.

## **ANÁLISE DA TIRA CÔMICA**

Os textos apresentados em Maitena são sempre recheados de muito humor e ironia. Criticam os modos de subjetivação das mulheres fazendo uma subversão do humor tradicional sobre o universo feminino, sobre a mulher e suas relações com os homens, com o amor, com os filhos, com a casa, com a independência, com o corpo como poderemos observar na tira a seguir:





Esta tira é formada por seis quadros que funcionam como materialidade simbólica de significação, onde podemos identificar um resgate do discurso sobre a mulher e sua atualidade na prática discursiva por meio da qual a mulher moderna se constitui sujeito.

Na sequência do primeiro ao sexto quadro, identificamos diferentes posições-sujeito que a mulher desenvolve ao longo da tira: primeiro a posição-sujeito em que a mulher deve ser boa esposa, a posição-sujeito de boa mãe e assim sucessivamente. No sexto quadro a mulher deve ter um corpo perfeito, magro e principalmente sem celulite.

Os enunciados quadro a quadro até o quinto apresentam uma regularidade no discurso do cotidiano de uma mulher moderna, “bem resolvida”, que trabalha fora de casa e tem um bom salário, e nem por isso deixa de ser boa mãe, esposa ou de fazer as tarefas domésticas.

O sujeito ao enunciar ‘sou’ faz com que incida sobre ele a atenção do leitor por ser tão categórico, claro e sugestivo usando a marca linguística de primeira pessoa do presente do indicativo, nos levando a fazer um deslocamento do lugar social que nos constituímos.

O sujeito-enunciador ocupa assim, um lugar social e a partir dele enuncia, sempre inserido num processo histórico que lhe permite determinadas inserções e não outras. Sendo assim, temos um sujeito que enuncia ora do lugar da boa esposa, ora da boa mãe, ora da dona de casa perfeita e ora da profissional bem sucedida.

Essa alteridade evidencia um sujeito que não é livre para dizer o que quer, mas, é levado, sem que tenha consciência disso, a ocupar seu lugar em determinada formação social e enunciar o que lhe é possível do lugar que ocupa.

Retomando o que dissemos anteriormente, a tira nos evidencia que o discurso é essencialmente relações de outricidade em constante interpelação. Os elementos sociais, históricos e ideológicos nos mostram que não há fixidez dos sentidos, estão sempre em transformação social, política e histórica, pois são integrantes da vida dos sujeitos.

No sexto quadro, o sujeito-enunciador enuncia '*... por que tenho de ter celulite?*' (a mulher aperta seu rosto, em gesto de desespero). Aqui encontramos o sujeito-enunciador em conflito entre o discurso da mulher perfeita (mãe, esposa, trabalhadora) e o discurso da mulher moderna (insatisfeita com seu corpo).

Evidencia-se o conflito por meio da alteridade materializado nos enunciados, que são característicos de posições ideológicas contrárias, uma em relação à outra em dado momento, ou seja, o conflito é característico de um embate de nossa época.

Dessa maneira, o texto se constitui de discursos divergentes e heterogêneos não nos sendo possível definir um dos discursos sem remeter ao outro. O sentido da tira vai sendo construído à medida que se constrói o texto. Diremos que os sentidos possíveis para esta tira se colocam em alteridade entre a formação discursiva da mulher perfeita e a formação discursiva da mulher moderna. O que nos permite dizer que o sentido não é único e que a língua nos permite vivenciar a ilusão da transparência da linguagem.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Sob o ponto de vista da AD, não há como falar de discurso sem falar de sujeito, de língua, de enunciação e sentido, tão pouco esquecer o enfoque histórico.

A língua é tomada como base linguística dos processos discursivos ou processos de significação articulados a processos sócio-históricos que se desenvolvem sobre esta base que é opaca, ou seja, a língua funciona como base comum de processos discursivos distintos e como lugar material onde os efeitos de sentido se realizam.

A língua continua a ser tomada como estrutura, mas uma estrutura em que o real da língua se manifesta como uma série de contradições e equívocos, cuja representação é situada na própria língua que também é lugar de análises dos processos discursivos.

O discurso para a AD, não é a fala, não é o texto, mas um efeito de sentido entre enunciadores, um discurso carente de uma origem, porque é marcado pelos já-ditos, mas que está irremediavelmente ligado a um sujeito.

## **FRENCH DISCOURSE ANALYSIS AND LINGUISTICS: LANGUAGE AND DISCOURSE INTERMINGLES**

### **ABSTRACT**

This paper aims at approaching notions of language and discourse in French Discourse Analysis. Such notions focus discourse analysis objects. Language provokes the illusion of transparency and the guaranty of a perception from a linguistic code. Such proposition will be illustrated by a discursive analysis from Maitena's comic strip.

**Keywords:** Language. Discourse. Discourse Analysis. Linguistics

## NOTA

- <sup>1</sup> Mestre em Linguística. Membro do Laboratório de Estudos Polifônicos LEP/UFU

## REFERÊNCIAS

FEREEIRA, M.C.L. Análise do Discurso no Brasil: notas à sua história. In: FERNANDES, C. e SANTOS, J.B.C (org). *Percursos da Análise do Discurso no Brasil*. São Carlos: Editora Claraluz, 2007. p.11-22.

SANTOS, J.B.C. Entremeios da Análise do Discurso com a Linguística Aplicada. In: FERNANDES, C. e SANTOS, J.B.C (org). *Percursos da Análise do Discurso no Brasil*. São Carlos: Editora Claraluz, 2007. p.187-206.

MALDIDIER, D. *A inquietação do Discurso* – (Re)ler Michel Pêcheux hoje. Trad. Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

POSSENTI, S. Teoria do Discurso: um caso de múltiplas rupturas. In: MUSSALIM, F. e BENTES, A. C. (Org.). Introdução à Linguística. São Paulo: Cortez, 2004. p.353-392.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: Uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: EDUNICAMP, 1997.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Editora Cultrix, 2005.

INTERNET- Maitena (tiras de humor)

<http://grurinha.multiply.com/photos/album/9/Maitena> - Mulheres Alteradas I.

Acesso em 05/07/2008